

## Historia Social de la Educación Matemática en Iberoamérica

### Imagens da Etnomatemática em periódicos brasileiros

Wanderleya Nara Gonçalves Costa

#### Resumo

São aqui apresentados resultados das análises de artigos sobre Etnomatemática publicados no Brasil nos últimos vinte e cinco anos. Tais análises foram orientadas por questões que enfatizaram: o tema, o objetivo, os aspectos teóricos e a afiliação dos autores, de modo não a reproduzir reflexos, mas sim a apontar imagens a serem transformadas. Neste sentido, indica-nos que a Etnomatemática é uma área na qual existe vitalidade e polissemia, mas que carece da constituição de rede de pesquisadores e do fortalecimento de grupos de pesquisa.

#### Abstract

Here are presented the results of analyzes of published articles on Ethnomathematics in Brazil in the last twenty-five years. These analyzes were guided by questions that emphasized: the subject, the purpose, the theoretical aspects and the affiliation of the authors, in order not to reproduce reflections, but to point out what should be changed. In this sense, tells us that the Ethnomathematics is an area where there is vitality and polysemy, but it lacks the constitution of network researchers and strengthening research groups.

#### Resumen

A continuación se presentan los resultados de los análisis de los artículos publicados sobre Etnomatemáticas en Brasil en los últimos veinticinco años. Estos análisis fueron guiados por las preguntas que puso de relieve: el sujeto, el propósito, los aspectos teóricos y la afiliación de los autores, con el fin de no para reproducir los reflejos, sino señalar la necesidad de cambiar. En este sentido indican que en la zona hay la vitalidad y la polisemia, pero carece de la provisión de una red de investigadores y fortalecimiento de grupos de investigación.

#### Introdução

A proposta de conhecer as principais características da produção bibliográfica etnomatemática no Brasil levou-me a empreender uma análise histórica de periódicos científicos nacionais que visam à divulgação de pesquisas em Educação Matemática. Esta análise se deu a partir da questão: “*como a Etnomatemática tem-se apresentado nos trabalhos publicados em periódicos brasileiros de Educação Matemática?*”.

É verdade que estudos sobre a produção Etnomatemática brasileira já ocorreram tendo como foco teses e dissertações (Conrado, 2005) e anais de eventos científicos da área (Fantinato, 2012). Entretanto, como pontuado em Costa (2012a), considere o fato de que a publicação científica em periódicos também

possui um papel destacado no processo de compartilhamento, de debates, de validação e de transferência da informação técnico-científica. Assumi, portanto, o pressuposto de que artigos publicados em determinados periódicos também podem tornar-se referência para outros estudos, apontando a evolução de um campo de saber, legitimando referenciais teóricos e metodológicos e perpetuando a memória científica e, por isto, tais produções poderiam servir como indicadores privilegiados da evolução desta área de estudos.

Em especial, tanto o *Bolema* (Boletim de Educação Matemática) □ que vem sendo publicado ininterruptamente nos últimos vinte e cinco anos pela Universidade Estadual de São Paulo em seu Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (UNESP/RC) □ quanto a *Zetetiké* □ uma publicação do Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática da Faculdade de Educação da UNICAMP, que em 2012 completou dezenove anos □ tornaram-se referências amplas, diversificadas e representativas da produção acadêmica brasileira em Educação Matemática. Em vista disto, estas publicações foram as primeiras a serem analisadas e são os resultados deste estudo que discuto neste artigo.

Metaforicamente, a análise dos periódicos tem assumido o caráter de um “olhar no espelho”, olhar que busca captar o objeto, submetendo-o a um exame para melhor compreendê-lo. Compreendo que, de certo modo, olhar-se no espelho é buscar reconhecer-se, perceber a própria identidade. Contudo, há que se considerar que a identidade, ou a especificidade do sujeito, é produto das relações do seu corpo e da sua consciência com o mundo. Neste contexto, observa-se que, em grande parte:

hoje o corpo se apresenta como a grande âncora da subjetividade: é na superfície corporal onde cada um exhibe as suas verdades. Essa ênfase nas aparências corporais emerge como uma característica marcante da nossa época, e são imensas as implicações desse deslocamento do foco. (...) As verdades já não se escondem dentro de cada um: elas estão à flor da pele, são visíveis – ou, pelo menos, se esforçam por atingir o cobiçado campo da visibilidade. (Sibília, 2006, p. 110)

Certamente, o corpo é considerado essencial na composição das subjetividades na medida em que, criando e exprimindo imagens e formas, ele revela o eu, expressando diferenciações donde emergem as identidades. Por isto, corporificando a Etnomatemática, tenho proposto este olhar para o espelho (Costa (2012a e 2012b). Mas, ao ‘dar um corpo para a Etnomatemática’, lembro Foucault (1997) e seu alerta para o fato de que os corpos por meio dos quais as identidades se mostram são corpos dóceis, disciplinados, enunciadores de verdades.

Observamos, então, que os corpos são modelados de acordo com valores e signos que são internalizados e atuam na própria constituição dos sujeitos. Assim, marcas como as tatuagens, que durante séculos foram expressão de marginalidade, hoje são uma ‘normalidade estética’. Por outro lado, marcas como estrias, sardas, cicatrizes passaram a ser consideradas indesejáveis e vêm sendo inexoravelmente extirpadas (Costa, 2012b). Contudo, no meu olhar, analiso artigos de etnomatemática publicados nos periódicos *BOLEMA* e *Zetetiké* buscando detectar as marcas – possíveis cicatrizes, estrias, sardas, ou, de outro modo, o tema, o objetivo, os procedimentos de pesquisa, a modalidade do texto, os aspectos teóricos e a afiliação dos autores – não para extirpá-las, pois a sagração da juventude artificialmente prolongada não cabe à Etnomatemática corporificada. As marcas

deverão servir para incitar à reflexão contribuindo para conhecermos melhor este campo de estudos para, a partir daí, talvez, traçar novas perspectivas de trabalho.

No primeiro olhar para o espelho, isto é, nas análises do Bolema, foram consideradas inicialmente todas as edições publicadas, desde a primeira, em 1985 (Bolema número 1), até a edição de dezembro de 2010 (Bolema número 37), que, juntas, disponibilizaram duzentos e setenta e sete artigos. Deste conjunto, foram excluídas as edições especiais e as temáticas e, em vista disto, permaneceram duzentos e dezessete (217) artigos. Num segundo olhar para o espelho, isto é, na análise do periódico *Zetetiké*, observei que até o final de 2011 foram editados trinta e seis números, em dezenove volumes. Juntos, os trabalhos publicados neste periódico totalizaram duzentos e dezenove artigos, além de resenhas, crônicas, listagem e resumo de teses e dissertações. Dessas edições, duas foram temáticas, com vinte e nove artigos, que foram excluídos, restando, portanto, cento e noventa (190) artigos a passarem por uma análise exploratória. Assim, o *corpus* inicial constituído pelos trabalhos publicados nesses dois periódicos totalizou quatrocentos e sete artigos.

A partir daí, o procedimento de recolha dos dados consistiu inicialmente na leitura dos títulos dos artigos, assim como do nome dos seus autores, dos resumos e das palavras-chave de cada um dos artigos. Esta primeira ação revelou que, no total, o Bolema, em suas edições regulares, até a data considerada neste estudo, publicou vinte e cinco (25) trabalhos relacionados à Etnomatemática. Por sua vez, a *Zetetiké* publicou nove (9) artigos da área. Em seguida, os trabalhos foram listados por periódico, em ordem cronológica de publicação. Os artigos do Bolema receberam o índice Bn (com n de 1 a 25) e os da *Zetetiké*, Zn (com n de 1 a 9) e foram dispostos em duas tabelas (veja Anexo 1 e Anexo 2). Depois de concluído este primeiro olhar e arranjo, em duas diferentes etapas correspondentes a cada um dos periódicos, os artigos foram lidos na íntegra para dar resposta às seguintes perguntas orientadoras: Qual a afiliação institucional dos autores? Que tema foi abordado, investigado ou problematizado? Qual era o objetivo do trabalho? Quais foram os procedimentos de pesquisa adotados? Qual é a modalidade do texto? Que aspectos teóricos foram privilegiados? Quais foram os autores referidos?

Em alguns casos, as respostas às questões orientadoras não foram explicitamente anunciadas no artigo, então optei por colocar respostas presumidas a partir da leitura do texto ou consultar fontes complementares, tais como o currículo dos autores ou mesmo alguns de seus outros trabalhos.

Na composição deste texto, optei por apresentar, no item seguinte, as análises referentes ao Bolema. Logo após serão apresentadas as que dizem respeito à *Zetetike* – acompanhando, deste modo, as sistematizações contidas em Costa (2012a) e Costa (2012b), respectivamente.

### **Um primeiro olhar para o espelho: a Etnomatemática no Bolema**

Guimarães Rosa (1908-1967), um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, nos provocou ao falar sobre a alma do espelho. Ao fazê-lo, o escritor nos apontou a capacidade do espelho de tornar visível o que nos é invisível e contrapôs-se à dualidade entre corpo e alma, concepção que nos acompanha há séculos.

De fato, como lembrado em Costa (2012b), René Descartes (1596–1650), que ofereceu a base para toda a atividade científica do qual somos herdeiros, acreditava que a alma, totalmente distinta do corpo e prisioneira deste, seria a única causa do pensar. Por meio da dualidade entre sujeito e objeto, Descartes fez renascer a divisão outrora estabelecida pela filosofia socrático-platônica entre o corpo e alma, supervalorizando a alma em detrimento do corpo. Décadas mais tarde, John Locke (1632–1704) apregoaria que o cerne da identidade de cada ser humano estava na sua mente ou na sua consciência. Assim, nos séculos XVII e XVIII, paralelamente à mecanização do mundo, aos avanços do racionalismo e do capitalismo industrial, nasceu a visão do corpo/máquina habitado por uma entidade misteriosa que poderia ser chamada de alma, de mente ou de consciência. Hoje, com a percepção de que o corpo tem muito a dizer sobre a nossa identidade, voltamos a integrar o corpo e a alma.

Desde o primeiro olhar para o Bolema, esta tem sido a busca, revelar o corpo e a alma da Etnomatemática. Verifiquei, então, que nos primeiros três números deste periódico, foram publicados oito artigos, nenhum deles vinculado à Etnomatemática. Nos dois números seguintes – 4 e 5 –, que totalizaram oito artigos, três eram sobre Etnomatemática. Antes de publicar o volume de número 6, em 1989, o Bolema editou o seu primeiro número especial, inteiramente dedicado à Etnomatemática e contendo três artigos (outros dois números especiais seriam publicados neste primeiro decênio). O Bolema de número 7 também continha um artigo da área. Então, de um total de cinquenta e dois artigos publicados nas edições regulares do Bolema de 1985 a 1995 □ números 1 a 11 □, quatro foram de Etnomatemática, aproximadamente 7,6%.

Um dos trabalhos publicados nos primeiros dez anos do Bolema (B2) deve-se a um ex-estudante da UNESP/RC que, na época, estava vinculado à PUC/RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Dois autores estavam vinculados à UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), mas eram orientadores do Programa de Pós-Graduação da UNESP/RC (B1 e B4). Além destes, um autor estrangeiro foi responsável por um dos trabalhos (B3). Os autores de B1 e B2 dispuseram-se a discutir e ampliar o conceito de Etnomatemática, lançando algumas ideias sobre seu impacto na sala de aula. Em B3, o autor dedica-se a analisar elementos decorativos presentes em vários contextos culturais e históricos — desde Moçambique ao Brasil, passando pelo Egito Antigo — para discutir uma série de demonstrações para o chamado teorema de Pitágoras. No artigo que foi classificado como B4, o autor recorre a Thomas Kuhn para argumentar que, de acordo com as ideias deste pensador expressas em “A Estrutura das Revoluções Científicas”, a Etnomatemática poderia ser classificada como um movimento e até mesmo uma filosofia.

Verifica-se, pois, que neste momento histórico, a Etnomatemática mostrava-se como uma proposta em constituição e que os pesquisadores consideravam necessário, sobretudo, discutir acerca da sua conceituação e evolução. Os três textos dedicados a este tema eram ensaios que se amparavam, principalmente, nas próprias teorizações sobre a Etnomatemática, na Psicologia Cognitiva e na Antropologia. O quarto artigo era resultado de uma pesquisa qualitativa. R. Ascher e M. Ascher, U. D’Ambrosio, E.S. Ferreira e D. Carraher, T. Carraher e Schliemann foram os autores mais citados neste período. Deste modo, as primeiras marcas no corpo da Etnomatemática são comparáveis às suas digitais, pois tais artigos ainda

hoje constituem referências importantes para compreendermos as características desta área □ mesmo que parte destes autores tenha, posteriormente, reformulado algumas de suas ideias.

Após a publicação no número 7 do *Bolema*, um outro artigo da área só se faria presente na revista de número 16 (B5). Por sua vez, o *Bolema* 17 trouxe quatro artigos acerca da Etnomatemática (B6 a B9), enquanto os números 19 e 20 apresentaram um artigo cada um □ B10 e B11, respectivamente. Os volumes 23 a 26 continuam, em conjunto, seis artigos sobre o tema (B12 a B17). Assim, dos noventa artigos presentes nos volumes regulares do *Bolema* entre os anos de 1996 e 2006 (números 12 a 26), foram publicados treze artigos sobre Etnomatemática. Em vista disto, mais de 14% dos artigos publicados no segundo decênio do *Bolema* foram desta área.

Oito destes treze artigos foram escritos por pesquisadores vinculados a instituições estrangeiras sendo que dois deles foram escritos originalmente em português e dois foram mantidos no idioma original do autor. Observa-se que, de um modo ou de outro, dos treze trabalhos publicados neste período, seis estavam relacionados ao próprio programa de Pós-Graduação da UNESP/RC — que foi o primeiro na América Latina dedicado à Educação Matemática. Entretanto, a predominância observada pode estar relacionada não só à antiguidade do Programa, mas também à própria evolução do periódico □ que somente ao longo do tempo foi deixando de ser circunscrito ao programa que lhe deu origem. Apenas outras três instituições brasileiras também mantinham vínculo com os autores dos artigos publicados pelo *Bolema* neste período.

Quanto aos temas foco dos trabalhos, quatro artigos escritos nesta época tiveram como principal proposta discutir a conceituação, a evolução e/ou as bases teóricas da Etnomatemática (B7, B8, B11 e B14). Investigar as raízes culturais das ideias matemáticas que ocorrem em contextos, práticas e grupos sociais específicos foi uma preocupação detectada em dois trabalhos (B6 e B9). Num dos artigos, as autoras discutiram o papel das pesquisas etnomatemáticas frente ao multiculturalismo e os preconceitos culturais e étnico-raciais (B15). Outro trabalho expressava a preocupação em relação ao currículo e à formação de professores (B12), enquanto o autor de outro texto ocupou-se em fazer análises comparativas de ideias matemáticas presentes em diferentes culturas (B10). Foi possível observar ainda que um dos trabalhos deste período foi desenvolvido para denunciar relações simbólicas de poder que permeiam os processos de validação, de legitimação e de difusão do saber denominado como matemática (B5).

Dando vazão à multiplicidade de temas que caracterizou as publicações etnomatemáticas deste momento, um dos trabalhos teve como meta relatar o processo de constituição de um acervo de trabalhos internacionais sobre Etnomatemática e apresentar informações sobre o uso do referido banco de dados (B13), enquanto outro apresentou algumas abordagens para o programa em Etnomatemática delineando uma proposta pedagógica (B16). O último dos trabalhos publicados pelo *Bolema* no seu segundo decênio teve como objetivo apresentar a história dos estudos em etnomatemática na Colômbia (B17).

Cabe pontuar ainda que, nestes treze trabalhos publicados pelo *Bolema* entre os anos de 1996 e 2006, os autores mais referidos, com citação em pelo menos dois trabalhos, foram: U. D'Ambrosio, M. Ascher, E.S Ferreira, De Certau, T. Carraher,

G.B.Saxe, P. Gerdes, M. Borba, B.S Santos, G. Knijnik, B. Barton, A. Bishop, e T.T. Silva. Observei também que os pesquisadores dialogaram com referenciais teóricos advindos de diferentes áreas, sendo que, além dos estudos internos à própria área, destacaram-se os de origem na Psicologia, Sociologia e Antropologia. Quanto à modalidade de texto, os ensaios cederam lugar, em grande parte, a descrições de trabalhos de campo. Deste modo, o Bolema mostra novas marcas no corpo da Etnomatemática, dando-lhe, ao final destes vinte anos, características que avançam e tornam este corpo mais sólido e definido.

Observada a forma como a Etnomatemática esteve presente no Bolema entre os anos de 1985 a 2005, analisemos o período mais recente, dando continuidade, portanto, à descrição desta imagem no espelho.

Do número 27 (2006) até o número 37 (2010), foram publicados oito artigos sobre Etnomatemática, de um total de cento e vinte. Entretanto, há que se considerar que três edições deste período eram temáticas. Excluindo os artigos referentes às edições temáticas, obtém-se um total de setenta e sete trabalhos, dos quais oito são de Etnomatemática. Isto significa que, neste período, as publicações relacionadas a esta área superaram os 10%.

Das oito publicações etnomatemáticas que ocorreram nos cinco últimos anos (Bolema 27 a 37), um artigo foi publicado em espanhol, por pesquisador colombiano (B18). Um artigo originalmente escrito em inglês, uma coautoria de pesquisadores brasileiros e dinamarqueses, foi traduzido para o português por professor e estudantes vinculados à Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro (B21). Os seis artigos restantes foram escritos em português por pesquisadores brasileiros.

Dentre os artigos escritos apenas por brasileiros, dois trabalhos estão relacionados à UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) por terem sido publicados por professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (B23 e B25). Uma pesquisa ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq revelou que o autor de um dos trabalhos e a segunda autora do outro são membros do grupo de pesquisa *Matemática e Cultura*, desta instituição.

Vinculados à USP (Universidade de São Paulo), tendo como autores docente ou estudantes da instituição, foram encontrados dois artigos (B20 e B22)– cujos autores se identificaram como membros do *Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática* – o GEPEM/USP. Contudo, tais artigos também estavam vinculados a outras instituições — UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), UFG (Universidade Federal de Goiás) e Escola Indígena Tengatui Marangatu/MS —, visto que, tendo a USP como local de estudos, os autores ou co-autores dos artigos trabalhavam nessas instituições.

Foi detectado ainda um trabalho (B24) de pesquisadoras vinculadas à UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e ao *Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação Matemática e Sociedade* (como informa o diretório de grupos de pesquisa do CNPq). A segunda autora deste trabalho estava, à época, vinculada também a duas instituições particulares.

Outro trabalho, B19, está vinculado à USF (Universidade de São Francisco – SP) e à UNEMAT (Universidade Estadual de Mato Grosso), uma das co-autoras deste trabalho também é integrante do GEPEM/USP .

Deste modo, nestes trabalhos, estão representadas dez instituições, seis estados da federação, quatro regiões do País e três grupos de pesquisa, situados nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Note-se que os pesquisadores da Região Centro-Oeste declararam-se vinculados a um grupo de pesquisa da Região Sudeste.

Portanto, não foram encontrados, entre os artigos publicados nas edições regulares do *Bolema* ao longo dos seus vinte e cinco anos, autores que, de alguma forma — seja como local de trabalho ou de estudo — estivessem relacionados à região Norte do Brasil. Entretanto, quando observadas as referências dos artigos publicados nos últimos cinco anos, observa-se que existem, também nesta região, importantes trabalhos em Etnomatemática. As referências a autores da região Norte, estão, na maioria das ocasiões, atreladas a anais de eventos científicos. Este fato leva a inferir que talvez inexista, por parte dos pesquisadores do norte do País, uma política de publicação dos resultados de suas pesquisas em periódicos da área e eles têm preferido outras formas de comunicação científica.

Agrupando os artigos segundo as convergências temáticas, podemos perceber que dois artigos (B22 e B23) tratam de formação de professores, outros três abordam a ação pedagógica, a sala de aula e o currículo (B19 e B25). As ideias matemáticas presentes em prática sociais de diferentes grupos, em contextos específicos foi tema do artigo B18. Um artigo (B20) problematizou caminhos e perspectivas da Etnomatemática enquanto programa de pesquisa. A análise de significados relacionados à Etnomatemática foi tematizada por outros dois trabalhos (B21 e B24).

Foi observado que, na condução dos trabalhos, os autores fizeram uso de diversas modalidades textuais: seis deles são textos dissertativos, um ensaio, um relato de experiência e um diálogo argumentativo. Quanto às contribuições teóricas, deparei-me com: a) reflexões sobre as concepções d'ambrosianas de Etnomatemática; a utilização conjunta de Estudos do Imaginário, da História e da Filosofia – notadamente a partir de Durand, Spengler e Foucault; o diálogo com as teorias do segundo Wittgenstein e de Foucault; a utilização da Etnomatemática em confluência com as teorias curriculares críticas – referenciadas em T.T. Silva e B.S.Santos; discussões sobre os impactos das teorizações de Paulo Freire sobre a escuta e o diálogo; reflexões sobre os conceitos de *background*, *foreground* e dos significados na Etnomatemática. Observa-se, pois, que neste momento o periódico revela que os referenciais teóricos utilizados pelos autores da área foram sensivelmente ampliados.

Quanto aos autores tomados como referência pelo maior número de trabalhos, destaca-se D'Ambrosio — que foi citado em sete dos oito artigos publicados pelo *Bolema* neste período. O segundo autor mais citado foi Kniknik, mencionada em cinco artigos. Apesar de ambos serem autores brasileiros, não foi detectada uma tendência endógena nas referências, pois, por exemplo, A. Bishop, B.Barton, B.S. Santos, P. Gerdes, M. Foucault e O. Skovsmose foram citados em pelo menos dois trabalhos e vários outros autores de outros países também foram tomados como interlocutores em diferentes artigos.

Foi observado ainda que tem sido uma constante a referência não só a artigos publicados em periódicos, mas também a livros publicados por autores estrangeiros e brasileiros. No caso das teses e dissertações, a maioria dos trabalhos citados foi desenvolvida no próprio País.

Após apresentar as análises referentes ao Bolema, cabe lembrar que um mesmo corpo pode ser observado por diferentes ângulos, revelando um sem número de reflexos que, religados, re-interpretados apresentam outras características suas, dando-nos a perceber outros de seus detalhes. Que dizer então, quando não apenas o ângulo é modificado, mas quando tomamos outro espelho? Briúsov (1903, citada por Godoy, 2010) nos diz: “notei que cada espelho tem seu mundo particular, próprio. Ponha dois espelhos num mesmo lugar, um depois do outro, e surgirão dois universos distintos. E em distintos espelhos à minha frente, surgiam espectros distintos...”

Por esta capacidade que os espelhos possuem, de nos mostrar reflexos diversos, contribuindo para melhor nos conhecermos de modo a constituirmos uma imagem de nós mesmos e uma memória sobre ela, é importante observar como a Etnomatemática tem-se revelado também em outros periódicos, como no caso da *Zetetiké*.

### Um segundo olhar para o espelho: a Etnomatemática na *Zetetiké*

Os artigos deste periódico foram divididos em dois grupos, de acordo com a data de sua publicação: o grupo 'a' foi composto por artigos publicados entre 1993 e 2003; enquanto que o grupo 'b' foi constituído por artigos publicados entre 2004 e 2011. A partir deste arranjo, ficaram 95 artigos em cada grupo.

Como afirma Costa (2012b), a *Zetetiké* publicou cinco volumes, com o total de trinta e um artigos, antes que apresentasse algum trabalho em Etnomatemática. Entretanto, no volume 4, número 6, de jul/dez de 1996, foram publicados três trabalhos da área (Z1, Z2, Z3). Nesta edição, observa-se o surgimento de estrias. Elas – que são lesões decorrentes do rompimento de fibras elásticas que sustentam a camada intermediária da pele – surgem quando a pele se distende muito e/ou em um curto período de tempo.

De fato, a publicação simultânea de três artigos da área “distendeu a pele”, imprimindo a primeira marca das publicações etnomatemáticas na *Zetetiké*. O tema comum foi a etnomatemática e/ou a educação – escolar ou tradicional – indígena. Nos dois primeiros artigos, que eram ensaios, os autores se dedicaram a discutir o próprio o Programa Etnomatemática assim como a adequação de sua proposta para o contexto indígena (Z1 e Z2). O terceiro artigo (Z3), que apresentou parte dos resultados de uma pesquisa qualitativa realizada no Parque Indígena do Xingu durante um curso de formação de professores indígenas, ressaltou aspectos matemáticos de peneiras produzidas pelo povo *Kaiabi*. Todos estes trabalhos estavam relacionados a pesquisadores que, à época, eram vinculados ao Programa de Pós-graduação da FE/UNICAMP, embora um dos co-autores fosse professor do programa da UNESP de Rio Claro. Todos estes trabalhos buscaram suas referências teóricas na própria área e entre os autores mais citados observa-se que D'Ambrosio esteve presente em todos, enquanto Gerdes, Sebastiani Ferreira e Borba, em dois deles.

Nas publicações que se seguiram, até 2003, isto é, até o final do primeiro decênio deste periódico, foi ainda apresentado o artigo Z4. Ele foi originalmente apresentado em um congresso, publicado em um periódico e também em um livro

sobre etnomatemática. Para a *Zetetiké*, este trabalho foi traduzido pela então professora da FE/UNICAMP Maria do Carmo Domite. Trata-se de um ensaio no qual o autor, a partir de suas experiências como professor para uma população árabe palestina numa região próxima ao Rio Jordão, discorre sobre como a cultura influencia o modo como as pessoas compreendem os conceitos. Um dos principais objetivos do artigo é argumentar que o ensino de matemática é uma atividade política. Para consubstanciar seus argumentos o autor ressalta o conflito que ocorre entre as autoridades (institucionais) e o ensino da matemática, quando este acontece de forma a desenvolver o pensamento crítico, a auto-expressão e o entendimento cultural e social.

Deste modo, observamos que, nos primeiros dez anos da *Zetetiké*, foram publicados quatro artigos vinculados à Etnomatemática, aproximadamente 4,21% do total.

Quatro outros volumes foram editados sem que apresentassem artigos sobre etnomatemática. Entretanto, os volumes 12 e 13 (números 22 e 23, de 2004 e 2005, respectivamente) continham, cada um, um trabalho da área (Z5 e Z6). Observa-se que, nos dois casos, os autores se ocuparam em discutir a relação do Programa Etnomatemática com o ensino de matemática em escolas regulares.

O ensaio catalogado como Z5 procurou contrapor-se à ideia de que a Etnomatemática seria um método de ensino, enfatizando o seu caráter filosófico. A autora argumenta que a Etnomatemática se preocupa, prioritariamente, com o debate acerca da produção, da validação e da legitimação do conhecimento matemático relacionado a diferentes práticas sociais e ainda que, na sua perspectiva pedagógica, metodologicamente, ela se apóia na modelagem matemática e no ensino via projetos, dentre outros. Enfatiza que a perspectiva pedagógica assumida pela Etnomatemática é marcada pelo resgate da capacidade de reflexão e de reação frente à fragmentação do conhecimento.

Na mesma linha de pensamento, os autores do ensaio Z6 procuram apontar algumas possibilidades para a ação pedagógica pautada pelos pressupostos filosófico-teóricos da Etnomatemática. Suas principais referências são internadas à área, complementadas com outras afeitas à Psicologia. Por sua vez, Z5 recorre, sobretudo, a obras das áreas de Sociologia e Filosofia.

O volume seguinte da *Zetetiké* – 14, número 26, de jul/dez de 2006 - nos trouxe dois artigos sobre etnomatemática, Z7 e Z8. O primeiro destes trabalhos apóia-se prioritariamente em escritos sobre o Imaginário e sobre a História da Matemática e em resultados de uma pesquisa etnomatemática realizada em área indígena A'uwe Xavante (etnia que habita no Brasil Central – estado de Mato Grosso) para propor uma mudança na forma como são concebidas as relações entre ciências e mitos e ciências e culturas de resistência. Ao desenvolver seus argumentos, a autora faz uma análise comparativa entre os variados significados assumidos por ideias matemáticas presentes em diferentes cosmologias. Em Z8, observa-se a preocupação em apontar possibilidades para a Etnomatemática em sala de aula. De fato, os registros de procedimentos utilizados no cálculo de volume da madeira em serrarias do Rio Grande do Sul possibilitaram aos autores sugerir que a análise e comparação de procedimentos, a uniformização de modelos matemáticos e a análise do erro relativo podem contribuir para o ensino de matemática em escolas rurais da região. Em seguida, sugerem que estudos de processos semelhantes, em

outros contextos, poderiam apontar possibilidades pedagógicas para diferentes níveis de ensino e regiões. Suas principais referências foram 'internas' à Educação Matemática.

A partir do exposto, observa-se que, do seu décimo ao décimo quinto ano, entre os cinquenta e seis (56) artigos publicados, quatro (4) eram relacionados à Etnomatemática. O último artigo analisado foi publicado na *Zetetiké* Vol.17, n. 32, de 2009. Em Z9, os autores analisaram práticas discursivas relacionadas ao ensino de matemática em áreas indígenas com a intenção de enunciar seus efeitos de verdade e de poder. Fazendo uma aproximação teórica à obra de Foucault, alertam que o ensino de matemática em escolas indígenas, mesmo que orientado pela perspectiva etnomatemática, tem engendrado alterações substanciais nas concepções indígenas de tempo e espaço, efeitos estes que se revelam contrários às propostas da Etnomatemática.

Nos números que se seguiram, até o final de 2011, não foram publicados outros trabalhos da área, embora, de certo modo, tenha sido detectada, na *Zetetike*, mais uma tênue marca no corpo da Etnomatemática.

Ocorre que, na mesma edição acima citada - *Zetetiké* Vol.17, n. 32, p.61-80, de 2009 – foi publicado o artigo Z?, que chamou atenção não pela presença, mas sim pela ausência do termo 'Etnomatemática', seja no resumo, nas palavras chave ou mesmo ao longo de todo o texto. No primeiro parágrafo deste trabalho é possível ler que ele apresenta resultados parciais da pesquisa narrada em Giongo (2008), que discute os processos de disciplinamento e os movimentos de resistência gestados numa instituição escolar enfocando seu currículo, em especial no que se refere à educação matemática. De fato, a referida pesquisa foi relatada na íntegra em Giongo (2008) que, em seu resumo, afirmou que os aportes teóricos da pesquisa foram "as teorizações do campo da Etnomatemática em seus entrecruzamentos com as teorizações pós-estruturalistas". Além disso, entre as palavras-chave do trabalho, consta o termo Etnomatemática. Estes aspectos, aliados às trajetórias acadêmicas das autoras, inequivocamente relacionadas à Etnomatemática, levam a inferir que este artigo seja uma publicação da área.

Entretanto, cabe lembrar que a questão que orientou a pesquisa que resultou neste artigo foi: "como a Etnomatemática tem-se apresentado nos trabalhos publicados em periódicos nacionais de Educação Matemática?". Neste caso, apesar de sua presença, a Etnomatemática não se mostrou de forma clara e evidente e, tendo em vista a questão de pesquisa, os eixos de análise e as características deste artigo, optei por não incluí-lo entre os trabalhos analisados (daí o fato de não lhe ter atribuído um número, mas tê-lo classificado como Z?). Contudo, uma imagem espelhada é importante não só pelo que mostra, mas também pelo que não revela, pois luz e sombra são complementares, visto que, como comenta Byington (1988), uma se faz da outra. Assim, Z? também nos aponta um resultado importante, permitindo-me afirmar que, por vezes, as marcas no corpo da Etnomatemática se mostram de forma velada, "com cores suavizadas", como sardas que se tornaram claras (este tipo de mancha, possui a tendência de escurecer durante o verão e clarear gradativamente, quando se evita exposição ao sol).

De todo modo, deste olhar para o espelho-*Zetetiké*, destaco, notadamente a partir das últimas publicações, a aproximação dos autores da área aos referenciais teóricos pós-estruturalistas, de modo a se instrumentalizar para análises mais

contundentes acerca do papel das práticas matemáticas na constituição do sujeito como agente e objeto de poder.

### O mesmo corpo, o mesmo espelho, o mesmo ângulo, outros reflexos

Eco (1989, p. 19) nos alerta que espelho pode ser considerado uma prótese, pois alcança trajetórias e ângulos que os olhos, nossos órgãos óticos, não seriam capazes de atingir. Essa prótese inverte, mas não distorce as imagens, refletindo, de maneira mecânica, as imagens que são apresentadas a ele. Entretanto, a impressão que as pessoas estabelecem diante do espelho sofre diversas interferências psicológicas e sociais. De modo semelhante, a leitura de um texto não reflete exatamente os mesmos sentidos para cada um dos leitores. Em vista disto, e do próprio ângulo escolhido pelos autores para mostrar seus trabalhos em Etnomatemática, as análises empreendidas por Varizo et al (2006) para os artigos publicados na revistas BOLEMA, no período de 1999 a 2004, no que se refere à Etnomatemática, revelou resultados bastante diversos daqueles aqui apontados, como avalio em Costa (2012b).

Os autores explicam que seu trabalho consistiu em um mapeamento elaborado a partir do uso de onze categorias, a saber: Aspectos Filosóficos, Aspectos Psicológicos, Aspectos Históricos, Propostas de Ensino, Formação de Professores, Etnomatemática, Modelagem Matemática, Tecnologia Educacional, Linguagem Matemática, Avaliação e 'Miscelânea'. É verdade que qualquer categorização pode ser problemática, por exemplo, há que se supor que a categoria "Propostas de Ensino", fatalmente, seja amparada por pressupostos que advêm de alguma das outras categorias. Entretanto, no momento, cabe enfatizar como ocorreu a classificação dos trabalhos na categoria Etnomatemática. Neste sentido, os autores firmam que:

Da categoria **Etnomatemática** fazem parte artigos que se enquadram na definição de D'Ambrósio (2001, p.9): "Etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupo de trabalhadores, classes profissionais, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos". (Varizo et al, 2006, p. 8)

A partir dessa consideração, Varizo e os demais autores deste trabalho detectaram que no BOLEMA, entre 1999 a 2004, foram publicados apenas dois (02) trabalhos de Etnomatemática. Contrariamente, nas análises efetuadas nesta pesquisa, no mesmo período, no BOLEMA, foram detectados sete (07) artigos – B5 a B11.

Sob o meu ponto de vista, resultados tão diversos indicam que, por vezes, a Etnomatemática tem sido extirpada de algumas das suas marcas de vivência, sobretudo quando é compreendida somente como a matemática praticada por grupos culturais específicos, tais como grupo de trabalhadores, classes profissionais, sociedades indígenas, comunidades urbanas e rurais, dentre outras. Conclui-se que ainda existem dificuldades para que o 'corpo da etnomatemática' seja reconhecido de forma integrada à sua alma, o que anuncia a complexidade e os desafios que se colocam para aqueles que se dedicam a pesquisas na área.

Ainda assim, cabe dizer que considerarei como sendo exato o número de trabalhos detectados por Varizo et al na *Zetetiké* entre 1999 e 2004.

## A Etnomatemática, os espelhos e a realidade

Na pesquisa que tenho realizado a partir da análise de periódicos brasileiros que se dedicam à Educação Matemática, a proposta tem sido perceber e descrever as produções bibliográficas da Etnomatemática como um acontecimento histórico. Até o momento foram analisados o *Bolema* e a *Zetetike* e, ao fazê-lo, utilizei a metáfora do 'olhar no espelho'. Assim, o *Bolema*, enquanto espelho no qual foram observadas três diferentes imagens □ relacionadas à divisão temporal: 1985 a 1995, 1996 a 2006 e 2007 a 2011 □ e a *Zetetike* – cujas imagens captaram os reflexos da etnomatemática em dois momentos - 1993 a 2003 e 2004 a 2011, revelaram como o corpo da Etnomatemática vem se (re)definindo:

- a) Os pesquisadores da área têm voltado sua atenção para temas diversos □ variando a ênfase em torno questões sobre: i) a conceituação e a evolução da Etnomatemática, ii) os processos de validação e divulgação de saberes, iii) a formação de professores, o currículo e a ação pedagógica, iv) os conhecimentos etnomatemáticos gerados nas/das diferentes práticas sociais, v) a análise de práticas discursivas e não discursivas tendo como foco as relações de poder, dentre outros □ e, em face disto, muitas informações empíricas foram disponibilizadas e referenciais teóricos consideráveis foram desenvolvidos;
- b) Se, inicialmente, os ensaios ocorriam em maior número, ao longo do tempo, os pesquisadores passaram a utilizar-se de diferentes gêneros textuais, tais como textos dissertativos, relatos de experiência e diálogos argumentativos;
- c) Nos primeiros anos das publicações analisadas, os pesquisadores estavam relacionados quase que exclusivamente a duas instituições e a grupos de pesquisa com sede na região sudeste do País. Observa-se que, ao longo do tempo, tem-se ampliado o número de instituições brasileiras que abrigam pesquisadores da área, assim como de regiões do País que congregam grupos de pesquisadores em Etnomatemática. Entretanto, os trabalhos ainda apontam uma pequena representatividade das regiões Centro-oeste e Norte.
- d) Ao longo dos vinte e cinco anos do *Bolema*, Ubiratan D'Ambrosio tem sido uma referência inestimável para os pesquisadores na área, notadamente por meio de seus livros. Mas os pesquisadores etnomatemáticos brasileiros também usam, em grande proporção, periódicos, teses e dissertações como fontes de referência para a construção do quadro teórico-metodológico de suas análises e investigações científicas. Muitas dessas publicações são nacionais, mas, ainda assim, o quadro não revela tendências endógenas, visto que não há relevante desproporcionalidade no número de autores nacionais ou internacionais referenciados;
- e) Ainda no que se refere aos aspectos teóricos, é possível destacar que, talvez pela própria natureza da Etnomatemática – área multifacetada, atravessada por dimensões culturais, históricas, sociais, linguísticas e outras –, a maioria dos artigos, além de trazer contribuições teóricas 'internas' para circunstanciar e sustentar o trabalho, fazem incursões em outros campos. Contudo, não foi detectada uma tendência de uso de publicações advindas da Etnofísica, Etno-astronomia, Etnomúsica, dentre outras;
- f) Publicações de análises de produções da Etnomatemática realizadas por pesquisadores de outras áreas indiciam que as propostas da Etnomatemática podem não estar sendo compreendidas em todas as suas dimensões, sendo

limitada a investigações acerca da matemática praticada por grupos culturais específicos;

- g) Apesar de ser grande o número de artigos publicados no *Bolema* e na *Zetetiké*, ele não tem acompanhado, ou espelhado, a produtividade da área em termos de dissertações, teses e outros trabalhos de pesquisa.

A partir dos resultados acima apontados, voltando-me para a metáfora do olhar no espelho e utilizando as palavras de Godoy (2010), trago a provocação: “Por que reter na memória a imagem recém-vivida, recém-percebida no espelho? Para que trazê-la e mantê-la na memória?”

E é também utilizando as palavras deste autor que respondo: “para trabalhar essa imagem dentro de si – espelho vivo –, digerindo, elaborando o que o espelho só foi capaz de mostrar e quiçá agravar” (Godoy, 2010).

Enquanto pesquisadora em Etnomatemática, compreendo que as imagens no espelho, isto é, as análises aqui efetuadas, nos mostram algo do que temos sido, auxiliando-nos a compor nossa auto-imagem. Mas pretendi, por meio desse registro, deste reflexo-memória, analisar nossa auto-imagem sem nos levar a uma identificação restritiva, mas sim convidar outros pesquisadores a criar novas possibilidades, não se deixando aprisionar pelas imagens refletidas.

Em vista disto, destaco que as possibilidades abertas por um devir histórico são muitas, mas somente uma se realizará e isto não ocorrerá como um caminho natural, mas sim como desdobramento dos acontecimentos que configuram esse campo de possibilidades. Tentando contribuir neste sentido, exponho também algumas sugestões que, ancoradas na ideia de que os periódicos científicos representam um papel importante para a (re)afirmação social, a consolidação de uma área e a elevação do seu nível de produção técnico-científica, refletindo-a como um espelho, apontam para: a) o fortalecimento (ou mesmo a criação) de grupos e redes de pesquisa notadamente nas regiões Norte e Centro-oeste do País; b) a necessidade de aprimorar a participação no cenário dos periódicos nacionais, consolidando uma política de publicação dos trabalhos em etnomatemática.

Finalmente, quero reafirmar que a continuidade deste trabalho representa um espelhamento sucessivo de imagens, uma composição que se dá por meio de reflexos e refrações que não somente representa a captura de uma história, mas que pode/deve gerar reflexões e mudanças que levem à constituição de novos rumos na história da Etnomatemática brasileira.

## Referências

- Byington, C. *Estrutura da Personalidade: persona e sombra*. São Paulo: Ática, 1988.
- Conrado, A. L. *A pesquisa brasileira em Etnomatemática: desenvolvimento, perspectivas, desafios*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- Costa, W. N. G. Um espelho para a Etnomatemática: os artigos da área em periódicos nacionais de Educação Matemática. *Revista Educação Matemática em Foco*. V.1 N1 (p.65-81) jan/jun 2012a.
- Costa, W.N.G. Estrias, sardas e cores: a marca da maturidade da produção bibliográfica etnomatemática em periódicos nacionais. 2012. (Palestra proferida no CBEm4, Belém, novembro de 2012b).

- Eco, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- Fantinato, M.C.C. Balanço da produção acadêmica dos congressos brasileiros de Etnomatemática. 2012. (Palestra proferida no CBEm4, Belém, novembro de 2012).
- Foucault, M. *Vigiar e punir*. história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Giongo, Ieda Maria. *Disciplinamento e resistência dos corpos e dos saberes*: um estudo sobre a educação matemática da Escola Estadual Técnica Agrícola Guaporé. 2008. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2008.
- Godoy, Luciano Marcondes. Espelhos, reflexos, reflexões (Parte I). *J. psicanal.*, São Paulo, v. 43, n. 79, dez. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352010000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352010000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 dez. 2012.
- Rosa, João Guimarães. O Espelho. In: ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.p.437-442. (Primeiras Estórias)
- Sibilia, P. A desmaterialização do corpo: da alma (analógica) à informação (digital). *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 3, n.6, p. 105-119, 2006.
- VARIZO, Z. C. M. ; GUIMARAES, D. J. ; GOMES, A. R. ; PROFIRIO, Alexandre Guilarducci ; MAGALHÃES, Ana Paula Almeida Saraiva ; ROCHA, L. P. ; MACHADO, Vânia Lúcia . As tendências da pesquisa em Educação matemática nos periódicos Zetetiké e BOLEMA no período de 1999-2004. In: *III Seminário Internacional de Educação Matemática*, 2006, Águas de Lindóia. III Seminário Internacional de Educação Matemática. Recife: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2006. v. único.

**Wanderleya Nara Gonçalves Costa.** Possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (1988), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1997) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2007). É professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso e tutora do Grupo PET Matemática da UFMT. Desenvolve pesquisa sobre os temas: formação de professores, etnomatemática, ensino de matemática e diferentes mídias, história da matemática. [wannara@ufmt.br](mailto:wannara@ufmt.br)

## ANEXO 1: Artigos publicados no Bolema

Trabalho	Bolema/Número /páginas	Título do artigo	Autor(es)
B 1	4, 1988, p.13-16.	Etnomatemática se ensina?	D'AMBROSIO, U.
B 2	5, 1988, p. 9-35	O homem também conhece o mundo de um ponto de vista matemático.	BORBA, M. C.
B 3	5, 1988, 47-56	De quantas maneiras é que se pode demonstrar o Teorema de Pitágoras	GERDES, P
B 4	7, 1991, p. 30-35	Por uma teoria da Etnomatemática	FERREIRA, E. S.
B 5	16, 2001, p. 12-28	Educação Matemática, Exclusão Social e Política do Conhecimento	KNIJNIK, G.

B 6	17, 2002, p. 1-17	Etnomatemática de uma Classe Profissional: Cirurgiões Cardiovasculares	SCHOCKEY, T. L.
B 7	17, 2002, p. 20-39	Educação Matemática e Contemporaneidade: Enfrentando Discursos Pós-modernos	CLARETO, S.M.
B 8	17, 2002, p. 52-58.	Água e Óleo: Modelagem e Etnomatemática?	SCANDIUSSI, P.P.
B 9	17, 2002, p.71-82	O Desenvolvimento de um registro matemático Maori	BARTON, B.
B 10	19, 2003, p. 73-89	Matemática em Algumas Culturas da América do Sul: Uma Contribuição à Etnomatemática	D'AMORE, B.
B 11	20, 2003, p. 1-16	Vinho e Queijo: Etnomatemática e Modelagem	ROSA M. e OREY D. C.
B 12	23, 2005. p. 59-78	Códice Florentino y Pensamiento Matemático. Cultura Otomí em el Valle Del Mezquital	PEDRAZA, E.B
B 13	23, 2005. p.97-112	Biblioteca Digital de Etnomatemática: acesso mundial a fontes em etnomatemática	LANE, N. D.
B 14	24, 2005, p.95-109	Armadilha da Mesmice em Educação Matemática	D'AMBROSIO, U
B 15	25. 2006, p. 45-69.	Educação Matemática, Multiculturalismo e Preconceitos: que homem é tomado como medida de todos os outros?	COSTA, W. N. G. e DOMINGUES, K. C. M.
B 16	26, 2006, p. 19-48	Abordagens Atuais do Programa Etnomatemática: delineando um caminho para a ação pedagógica	ROSA, M. e OREY, D. C.
B 17	26, 2006, p. 49-75	La Etnomatemática en Colombia: un programa en construcción	ALVAREZ, H. B.
B 18	30. 2008, p.163-180	Análisis a una Figura Tradicional de las Mochilas Arhuacas: Comunidad Indígena Arhuaca. Sierra Nevada de Santa Marta, Colombia	ARAÚJO, A. A.
B 19	32, 2009, p.1-28.	Práticas Sociais de Localização e Mapeamento: uma discussão curricular sobre o conceito de escala	LIMA, M. J. e MONTEIRO, A
B 20	32, 2009, p.211-227	Do Labor aos Mitos: uma nova linha no mapa das pesquisas em Etnomatemática	COSTA, W. N. G.
B 21	34, 2009, p. 237-262.	“Antes de dividir temos que somar”: ‘entre- vistando’ foregrounds de estudantes indígenas	SKOVSMOSE, O. et al
B 22	34, 2009, p. 263-282	A Formação de Professores e suas Relações com Cultura e Sociedade: a educação escolar indígena no centro das atenções	RODRIGUES, M., FERREIRA, R. e DOMITE, M. C. S.
B 23	36, 2010, p. 571 a 595	O Estudo da Realidade como Eixo da Formação Matemática dos Professores de Comunidades Rurais	MENDES, I. A.
B 24	37, 2010, p. 863-886	Entrelaçamentos e Dispersões de Enunciados no Discurso da Educação Matemática Escolar: um Estudo sobre a Importância de Trazer a “Realidade” do Aluno para as Aulas de Matemática	KNIJNIK, G. e DUARTE C. G.
B 25	37, 2010, p.1063-1080	Pedagogia Etnomatemática: do “par de cinco” às concepções do sistema de numeração decimal	BANDEIRA, F. A. e MOREY, B.

**ANEXO 2: Artigos publicados na Zetetike**

<b>Trabalho</b>	<b>Volume/Número/páginas</b>	<b>Título do artigo</b>	<b>Autor/a (autores)</b>
Z 1	Vol. 4, n. 6, 1996, p.87-95	O porquê da etnomatemática na educação indígena	COSTA, W. N. G. e BORBA, M. C.
Z 2	Vol. 4, n. 6, 1996, p.97-106	A pesquisa em etnomatemática e a educação indígena	BELLO, S. E. L.
Z 3	Vol. 4, n. 6, 1996, p.107-122	Após kayabi e simetria	SCANDIUZZI, P. P.
Z 4	Vol.6, n. 9, 1998. p.9-30	Matemática, cultura e poder	FASHEH, M.
Z 5	Vol. 12, n.22, 2004, p.9-32	Algumas reflexões sobre a perspectiva educacional da Etnomatemática	MONTEIRO, A.
Z 6	Vol. 13, n. 23, 2005, 121-136	Tendências atuais da etnomatemática como um programa: rumo à ação pedagógica	ROSA, M. e OREY, D. C.
Z 7	Vol. 14, n. 26, p.7-28, 2006	De criação divina a instituição humana: as relações entre matemática e mitos	COSTA, W. N. G.
Z 8	Vol. 14, n. 26, p.55-70, 2006	Da cubagem de madeira às possibilidades de discussão em sala de aula	GRANDO, N. I. e MORETTI, M. T.
Z 9	Vol.17, n. 32, 2009, p.81-100	Uma análise de práticas discursivas e não discursivas sobre o ensino de matemática em contextos indígenas	COSTA, W. N. G. DOMINGUES, K. C. e ANDRADE, S
Z?	Vol.17, n. 32,2009, p.61-80	Educação matemática e currículo escolar: um estudo das matemáticas da escola estadual técnica agrícola Guaporé	KNIJNIK, G. e GIONGO, I.